

A MOBILIDADE DA POPULAÇÃO PARANAENSE A PARTIR DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA (1970 a 2010)

THE POPULATION MOBILITY FROM PARANÁ AS A RESULT OF THE PRODUCTIVE RESTRUCTURING (1970-2010)

Fábio Rodrigues da Costa

Geógrafo. Mestre em Geografia (UEM). Professor assistente da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM).

Márcio Mendes Rocha

Geógrafo. Doutor em Geografia Humana (USP). Professor associado da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

RESUMO: O presente artigo possui como objetivo principal compreender o processo de mobilidade da população paranaense ocorrido após a reestruturação produtiva, enfocando o período entre 1970 até 2010. A metodologia utilizada consta na análise de referência teórica sobre o tema e obtenção de dados junto ao IBGE. Os resultados indicam que o Paraná se caracterizou até a década de 1960 pela atração populacional exercida, porém de 1970 em diante se intensificou a migração intra-estadual e interestadual. A modernização da agricultura, a industrialização e a urbanização estão entre os fatores responsáveis pela reestruturação produtiva e pela intensificação na mobilidade da população.

Palavras-chave: Mobilidade, desigualdade regional, modernização da agricultura, urbanização.

ABSTRACT: *This paper aims to understand the population mobility from Paraná as a result of the productive restructuring (1970-2010). The methodology set out in the analysis of theoretical references and to obtain data from IBGE. The results indicate that Paraná situation happened in the 1960s because of the population attraction, but in the 1970s the interstate and the intrastate migration became more intensive. The modernization of agriculture, the industrialization and the urbanization are some of the responsible factors for the productive restructuring and also for the population mobility increase.*

Keywords: *mobility, regional differences, modernization of the agriculture, urbanization.*

INTRODUÇÃO

O Paraná no transcorrer da sua história teve como característica receber população oriunda de diferentes lugares do Brasil e do mundo. Mineiros, paulistas, nordestinos, gaúchos, ucranianos, italianos, poloneses, japoneses, alemães, libaneses, entre outros, contribuíram efetivamente para a colonização, o povoamento e a rica diversidade cultural presente no estado.

A agricultura foi, na maioria das vezes, a atividade econômica responsável pela atração populacional. Isto até a década de 1960. A reestruturação produtiva ocorrida a partir da modernização da agricultura, incentivada pelo capital internacional, capital nacional e realizada com o apoio do Estado, provocou profundas transformações sociais, econômicas e espaciais.

A substituição do trabalhador braçal por máquinas (tratores, colheitadeiras, caminhões), o incentivo para a plantação de soja e trigo e o uso de adubação química estão

entre os fatores responsáveis pela modernização do campo. Outro efeito foi a diminuição das pequenas propriedades rurais com até 10 ha (53% em 1970 para 44,6% em 2006) e o crescimento das propriedades acima de 100 até 1000 ha (3,1% em 1970 para 6,8% em 2006), conforme dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2011).

Com a modernização da agricultura o êxodo rural foi intenso durante as décadas de 1970 e 1980, estendendo-se para as décadas seguintes, porém com redução na intensidade. O trabalhador rural, assim como muitos pequenos proprietários, meeiros e parceiros; saíram do campo e se deslocaram em direção às cidades. Primeiramente para as mais próximas e posteriormente para os centros urbanos mais dinâmicos do Paraná, ou para outros estados (por exemplo: São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia).

O presente artigo se propõe a discutir a mobilidade da população paranaense a partir da reestruturação produtiva desencadeada pela modernização da agricultura, industrialização centralizada em restritos espaços e urbanização acelerada. Para isso foram consultados trabalhos científicos e dados demográficos disponibilizados pelos censos realizados pelo IBGE (1970, 1980, 1991, 2000, 2010) bem como artigos científicos, livros, entre outras referências.

A MOBILIDADE DA POPULAÇÃO PARANAENSE

No início da argumentação será apresentado o conceito de mobilidade humana que norteia o desenvolvimento do artigo. A palavra mobilidade inúmeras vezes é utilizada apenas como sinônimo de migração, porém no estudo de Rocha (1998), encontramos a complexidade do termo mobilidade humana, que segundo o autor se desdobra em mobilidade física, mobilidade centrada no trabalho e mobilidade social:

[...] a) *mobilidade física*, que se subdivide em macromobilidade física e micromobilidade física, são mobilidades horizontais, ou seja, se reproduzem no espaço concreto, físico apresentando um perfil histórico-geográfico. [...]. A macromobilidade física diz respeito aos deslocamentos físicos praticados pelos indivíduos em escala internacional, nacional, estadual e municipal. [...] Quanto à micromobilidade, a escala temporal é curta, cotidiana, diz respeito aos deslocamentos diários de casa ao trabalho, às compras; b) *mobilidade centrada no trabalho*; esta ordem de mobilidade é uma mobilidade horizontal, ou seja, o deslocamento se dá no âmbito da qualificação dos indivíduos, de seu status profissional, da produtividade do trabalho, de sua condição funcional e de sua submissão à lógica capitalista de acumulação. [...]. A explicação parte da contradição entre trabalho e natureza, da apropriação histórica da natureza pelo homem. Esta força de trabalho é entendida como uma mercadoria especial que se desloca em função da dinâmica do mercado e; c) *mobilidade social*; entendida como mobilidade vertical, trata de interpretar a mudança de status social dos indivíduos, sua

posição e estrutura de classes e o movimento de polarização das classes sociais. Aqui a fonte de reflexão parte de sociólogos marxistas que, a partir da crítica à escola de estratificação social de cunho funcionalista, constroem um referencial teórico para tratar esta questão (ROCHA, 1998, p. 14-15).

O conceito de mobilidade humana desenvolvido pelo autor permite analisar os fluxos de população a partir da imbricação entre mobilidade física, mobilidade centrada no trabalho e mobilidade social. Neste artigo são destacados os fluxos migratórios interestaduais e intra-estaduais efetuados a partir da década de 1970, motivados pela modernização da agricultura e industrialização, sem desconsiderar os demais desdobramentos do conceito.

No entendimento de Singer (1980), para que a população se desloque se faz necessário, a existência de fatores de atração e fatores de expulsão. Sobre os fatores de atração:

Entre os fatores de atração, o mais importante é a demanda por força de trabalho, entendida estas não apenas como a gerada pelas empresas industriais, mas também a que resulta da expansão dos serviços, tanto dos que são executados por empresas capitalistas como os que são prestados por repartições governamentais, empresas públicas e por indivíduos autônomos (SINGER, 1980, p. 226).

A demanda por força de trabalho está entre os principais fatores de atração. Os centros urbanos dinâmicos industrializados, com um setor terciário bem estruturado e dotados de equipamentos de infraestrutura se tornaram as principais espacialidades de atração. Ainda para o autor, agora sobre os fatores de expulsão:

O número de migrantes que contribui para expandir a oferta de força de trabalho urbano depende, predominantemente, dos fatores de expulsão: os fatores de mudança criam uma espécie de desemprego tecnológico na área rural, sendo a dimensão deste desemprego uma função do aumento da produtividade do trabalho agrícola e da sua especialização, ao passo que os fatores de estagnação produzem um fluxo de emigração cujo volume depende da taxa de crescimento vegetativo da população em economia de subsistência em confronto com a sua disponibilidade de terra (SINGER, 1980, p. 227).

Mesmo que o principal fator de expulsão de população a partir de 1970, esteja ligado às profundas mudanças tecnológicas ocorridas no campo, não podemos desconsiderar os fatores de estagnação, visto que a pressão exercida pelo crescimento populacional sobre a disponibilidade de áreas cultiváveis e a incapacidade dos produtores de subsistência de elevar a produtividade da terra, também contribuíram para a migração com destino a cidade.

As migrações internas devem ser entendidas como um processo social e são quase sempre forçadas e motivadas por fatores econômicos, porém não podemos desconsiderar a mobilidade que ocorre por vontade própria do sujeito. Para Gaudemar

(1977, p. 31-32), a mobilidade forçada é uma característica do capitalismo contemporâneo onde são impostos “[...] o êxodo rural e a proletarização dos camponeses por um sistema que apenas considera a exploração do solo e da natureza na medida do lucro que daí extrai”. No modo de produção capitalista o trabalhador dispõe da sua força de trabalho, mas tem absoluta necessidade de vendê-la no mercado. Assim, interessa ao capital o trabalho “livre”.

Sobre o estado do Paraná até a década de 1960 ocorreu atração de população em razão da ocupação de novas terras para a agricultura e a utilização de grande quantidade de trabalho braçal. “Por três décadas consecutivas (entre 1940 e 1970), o ritmo de expansão da população paranaense suplantou em muito a média nacional, garantindo uma elevação substancial nos índices de participação da população estadual no total” (MAGALHAES & KLEINKE, 2000, p. 29). Entre 1950/60 o saldo migratório paranaense foi de 1.329.272 habitantes, já entre 1960/70 passou para 886.345 habitantes.

A partir de 1970, ocorreu elevada mobilidade interna e externa. Hespanhol (1990), explica que houve intensa migração entre 1970 e 1980 em direção a São Paulo, Mato Grosso, Rondônia e Curitiba. A mesma foi motivada pela nova configuração economia do meio rural e pela incapacidade dos pequenos centros urbanos locais em absorver a população que deixou o campo. Conforme dados disponibilizados por Magalhães & Kleinke (2000), entre 1970/80 o saldo migratório paranaense foi negativo, totalizando 1.376.188 habitantes.

Moura & Kleinke (1999), explicam da seguinte forma o processo de reprodução espacial, ocorrido a partir dos anos de 1970, que conduziu ao esvaziamento em determinados espaços e a concentração de população em outros:

A estrutura do sistema urbano da Região Sul configura uma rede de centros bem distribuídos no território, porém com nítidas áreas de concentração. A trajetória da organização desse sistema resulta da ocupação econômica da Região e se consolida com a reestruturação de sua base produtiva. Os anos 70 constituem o marco dessa reestruturação, com mudanças ocorridas no setor agropecuário gerando o esvaziamento de extensas áreas rurais e o direcionamento dos fluxos migratórios para diversos centros urbanos. Num processo seletivo, alguns desses centros se consolidam em áreas de elevada densidade, outros não tiveram sustentação econômica para manter o acréscimo populacional (MOURA & KLEINKE, 1999, p. 04).

No período entre 1981 e 1991, deixaram o Paraná em direção a outras unidades da federação 1.081.534 habitantes, enquanto que o número de imigrantes foi de 588.089, com uma troca líquida negativa de - 493.445. As migrações intra-estaduais foram ainda mais intensas atingindo 1.425.360 habitantes (MAGALHÃES, 1998). O principal destino das migrações intra-estaduais foram os municípios dinâmicos localizados na mesorregião Metropolitana de Curitiba, Londrina e Maringá no Norte Central, Cascavel e Foz do Iguaçu

no Oeste e alguns outros centros espalhados pelo estado (especialmente Ponta Grossa e Guarapuava). O período ficou caracterizado pela intensidade no processo de migração tanto interna como externa.

Kleinke *et al.* (1999) argumentam que de 1986-91 para 1991-96, a dinâmica migratória:

[...] particulariza-se por um movimento de redução substancial da saída para outras UFs (de 475.190 para 291.427) e por uma diminuição, menos expressiva, no movimento de ingresso de UFs (269.540 para 234.004). Contudo, o Paraná continua entre as UFs com maior contingente de população migrante. No período 1986-91, a saída de paranaenses representou 9% da emigração nacional e em 1991-96 representou 7%, com fluxos apenas menores que os de São Paulo, Minas Gerais e Bahia (KLEINKE *et al.* 1999, p. 28).

Ainda na análise das autoras a redução constatada não alterou a trajetória dos migrantes. São Paulo é o destino preferencial, recebendo 44% da população que deixa o Paraná. O segundo destino é Santa Catarina, que aumenta sua participação de 17% para 24%. Num segundo patamar, as trocas se mantêm significativas com Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul. No entanto, entre o conjunto dessas cinco UFs apenas em relação ao Rio Grande do Sul o Paraná tem pequena vantagem; com as demais, as trocas resultam numa diferença negativa (KLEINKE *et al.* 1999, p. 28).

A partir da década de 1990 tem início uma redução no ritmo da migração para outros estados, porém os valores ainda são significativos. Rocha (1999) expõe que a paisagem rural do Paraná passou a apresentar grandes vazios demográficos devido à mecanização do campo e a migração. O processo de modernização das técnicas de produção, efetivado em torno da soja e do trigo, levou a uma profunda concentração da posse da terra com profundos reflexos na espacialização da população do Estado. Logo:

Quando se verifica a mobilidade centrada no trabalho, decorrente da consolidação de um mercado de trabalho advindo da nova feição produtiva de uma agricultura moderna e redutora de mão-de-obra implantada na região, explica-se, de certa forma, os fluxos de pessoas para as cidades. Uma força de trabalho que destituída dos meios de produção se tornam força de trabalho assalariada (ROCHA, 1999, p. 75).

Uma significativa parcela da população rural, destituída dos meios de produção, é forçada a se deslocar para a cidade, tornando-se assalariada e atuando como mão-de-obra para a indústria que iniciava seu desenvolvimento nas cidades mais dinâmicas. Nos anos 1990, segundo Pereira (2010), a migração apresentava as características a seguir:

- a continuidade dos deslocamentos com destino urbano, com peso significativo daqueles com origem também urbana;
- a importância de trocas de curta distância, indicando movimentos de circularização;

- a configuração da atratividade metropolitana e, secundariamente, das principais aglomerações urbanas interioranas;
- os movimentos de partida da metrópole e dos principais pólos, majoritariamente na direção de suas periferias imediatas (PEREIRA, 2010, p. 07).

A dinâmica dos fluxos migratórios na década de 1990 revelou o predomínio das migrações intra-estaduais sobre as interestaduais, especialmente de curta distância e para o entorno das áreas metropolitanas. Entre 1995-2000 as emigrações intra-estaduais foram da ordem de 753.685 habitantes. Já as emigrações interestaduais foram de 322.655, e as imigrações 297.311, totalizando troca líquida negativa de -25.344.

Conforme o IPARDES (2005), enquanto nas décadas de 1970 e 1980 o predomínio eram as migrações interestaduais, nos anos 1990 a maior parte das mesorregiões paranaenses passou a apresentar um panorama diferente, sendo que a emigração interestadual perdeu força, predominando as migrações inter-mesorregionais (ver **quadro 1**). Os dados condizem com a análise de Singer (1980): onde o “desenvolvimento regional” apenas encurta as distancias da migração. O que se verificou foi a redução na migração para São Paulo (principal centro industrial do país) e a intensificação da mobilidade interna em direção aos novos centros dinâmicos industrializados, especialmente os localizados na Região Metropolitana de Curitiba. Contudo, o desenvolvimento regional não põe fim as desigualdades, pois o que se verificou foi a constituição de pólos regionais dinâmicos capazes de atrair a população dos municípios circunvizinhos carentes em investimentos e infraestrutura.

A reprodução do espaço via modernização da agricultura, industrialização e urbanização; configurou a constituição de municípios que atraem população e municípios que sofrem o processo de esvaziamento. Nos municípios dinâmicos capazes de atrair capital as oportunidades de remuneração são maiores, mesmo com toda problemática urbana. Já os municípios periféricos apresentam poucas possibilidades de atrair investimentos, principalmente os privados, que são direcionados para os espaços com maior potencialidade de rentabilidade (COSTA & ROCHA, 2010). Assim, em razão do desenvolvimento desigual entre regiões e também entre os municípios, a população não encontra maiores perspectivas de reprodução social e acaba migrando para os poucos centros urbanos dinâmicos. Na análise de Moura & Kleinke (1999):

[...] a principal característica da rede urbana sulina, comum nos três estados, é a constituição de espacialidade de concentração e de esvaziamento. Num extremo, conjunção de municípios cada vez mais populosos que demarcam áreas de aglomeração [...]. Noutro extremo, é significativo o número de municipalidades que se enquadra na categoria de crescimento menor que 1% ao ano, ou com decréscimo de população (MOURA & KLEINKE, 1999, p. 07).

O capital atua seletivamente ao escolher os espaços que melhor atendem as suas necessidades de reprodução, com isso, determinadas cidades passaram a contar com significativos investimentos no setor secundário e terciário, o que estimulou a migração da população.

MESORREGIÃO	1986/1991			1995/2000		
	Inter-meso regional	Inter-estadual	Total	Inter-meso regional	Inter-estadual	Total
Noroeste	-24.140	-44.639	-68.779	-12.647	-9.770	-22.417
Centro-Ocidental	-16.198	-20.484	-36.682	-19.506	-12.563	-32.070
Norte Central	18.995	-28.165	-9.170	7.835	9.751	17.586
Norte Pioneiro	-21.346	-30.006	-51.352	-9.762	-4.301	-14.063
Centro-Oriental	-8.459	-2.869	-11.322	-2.645	1.050	-1.595
Oeste	-1.176	-31.110	-32.286	-17.084	-16.760	-33.844
Sudoeste	-19.997	-31.481	-51.478	-16.589	-18.956	-35.545
Centro-Sul	-12.646	-12.091	-24.737	-11.716	-8.192	-19.907
Sudeste	-4.030	-1.453	-5.483	-8.658	-3.006	-11.664
Metropolitana de Curitiba	88.997	19.513	108.510	90.771	37.404	128.175
Paraná	0	-182.779	-182.779	0	-25.344	-25.344

Quadro 1 - Trocas líquidas migratórias intermunicipais de data fixa (1), inter-mesorregionais e interestaduais entre 1986/1991 e 1995/2000. Fonte: IBGE – Censo Demográfico *apud* IPARDES (2005). (1) O imigrante de data fixa, respectivamente dos períodos 1986/1991 e 1995/2000, não residia, cinco anos antes, no município de residência da data do Censo; o emigrante de data fixa de um município, respectivamente nos períodos 1986/1991 e 1995/2000, é aquele que, cinco anos antes, residia neste município, mas na data do censo estava morando em outro local.

As migrações de curta distância, geralmente de municípios vizinhos ou próximos para os municípios dinâmicos do interior também merecem destaque. Os que mais receberam população foram Londrina, Maringá, Apucarana, Umuarama, Cascavel, Ponta Grossa, Guarapuava, além de outros. No entanto, os fluxos mais intensos ainda são para a mesorregião Metropolitana de Curitiba, com ritmo crescente para os municípios circunvizinhos a Curitiba. Segundo dados do IPARDES (2011), enquanto a taxa de crescimento geométrico de Curitiba foi de 0,99% em 2010, Fazenda Rio Grande cresceu 2,65%, São José dos Pinhais 2,60%, Piraquara 2,49%, Araucária 2,37%, Campo Magro 1,99%, Campo Largo 1,93% e Colombo 1,51%.

A intensificação das migrações de origem urbana para destinos urbanos também caracterizaram o período. Para Endlich (2006), com o declínio populacional no campo também ocorreu o esvaziamento de pequenos núcleos urbanos, levando a mobilidade de população das cidades estagnadas em direção, especialmente, a centros maiores. Isso é explicado em virtude da concentração das atividades industriais e também do maior

dinamismo do setor terciário. As grandes indústrias e todas as atividades com ela relacionadas continuam concentradas em um número reduzido de espacialidades.

As transformações no setor produtivo, especialmente na agropecuária, contribuíram para a redução da participação do Paraná no montante total da população brasileira. Observando o **quadro 2** nota-se que até o ano de 1970 o estado respondia por 7,40% da população do país, com a modernização da agricultura e a migração da população para outros estados o valor foi reduzindo, alcançando 5,47% em 2010. Conforme dados do censo 2010, o Paraná está entre os estados brasileiros com menor populacional crescimento.

Censos	Brasil	Paraná	PR/BR %
1970	93.139.037	6.997.682	7,40
1980	119.070.865	7.749.752	6,40
1991	146.825.475	8.443.299	5,75
2000	169.544.443	9.563.458	5,64
2010	190.732.694	10.439.601	5,47

Quadro 2 - População total do Brasil e do Paraná entre 1970 e 2010. Fonte: IBGE (Censos Demográficos).

O que também ficou evidente, observando o **quadro 3**, é que a população paranaense até 1970 era predominantemente rural. Essa configuração vai ser alterada com a modernização da agricultura. Assim, em 1980 a população urbana já é superior a rural, fato que vai se intensificar nas décadas seguintes.

Ano	População Urbana (%)	População Rural (%)
1970	36,40	63,60
1980	58,93	41,07
1991	73,35	26,65
2000	81,40	18,60
2007	84,10	15,9
2010	85,31	14,69

Quadro 3 - Relação entre a população urbana e rural no Paraná. Fonte: IBGE (Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000).

Quando observamos o total de população por mesorregiões no período entre 1970 e 2010, conforme o **quadro 4**, verificamos a diminuição nas mesorregiões: Noroeste (-284.326 habitantes), Centro Ocidental (-212.133 habitantes) e Norte Pioneiro (-158.083 habitantes).

As mesorregiões que obtiveram crescimento de população foram: Norte Central (515.651 habitantes), Centro Oriental (334.123 habitantes), Oeste (466.956 habitantes), Centro Sul (122.382 habitantes, ressaltamos que a mesma perdeu população no período 2000 a 2010), Sudeste (137.037 habitantes), Sudoeste (136.965 habitantes) e Metropolitana de Curitiba (2.437.644 habitantes).

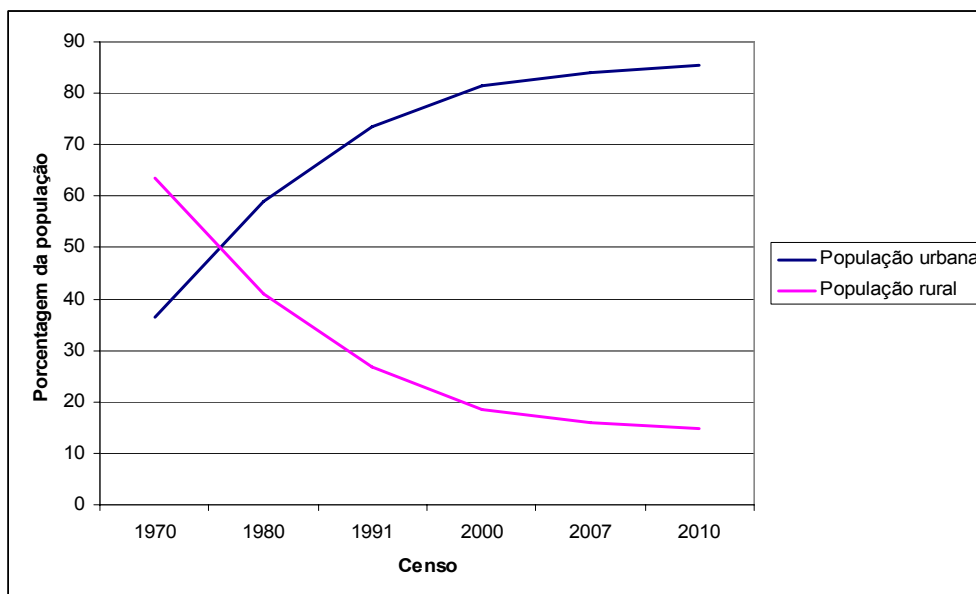


Gráfico 1 - População rural e urbana do Paraná entre 1970 e 2010. Fonte: IBGE (Censos Demográficos).

Os dados se tornam ainda mais preocupantes quando observamos a participação das mesorregiões no total da população do Paraná (**quadro 5**).

As mesorregiões que mais perderam participação foram: Noroeste, Centro Ocidental, Norte Pioneiro e Sudoeste. O Norte Central, mesmo com crescimento de população, perdeu em relação à participação no total paranaense. O mesmo pode ser dito em relação a Sudeste.

As mesorregiões Centro Oriental e Oeste obtiveram pequeno aumento em relação à participação total. No que se refere à Metropolitana de Curitiba, apresentou crescimento vertiginoso, porém com redução no ritmo do crescimento no período 2000 a 2010.

Mesorregiões Geográficas	Total				
	1970	1980	1991	2000	2010
Noroeste Paranaense	962.798	746.472	655.304	641.084	678.472
Centro Ocidental	546.387	415.222	445.905	346.648	334.254
Norte Central	1.521.500	1.459.089	1.632.600	1.829.068	2.037.151
Norte Pioneiro	704.201	571.679	554.572	548.190	546.118
Centro Oriental	355.253	472.643	546.914	623.356	689.376
Oeste Paranaense	752.433	960.709	990.517	1.138.582	1.219.389
Sudoeste Paranaense	450.540	487.205	477.993	472.626	587.505
Centro Sul Paranaense	331.630	475.721	500.442	533.317	454.012
Sudeste Paranaense	267.830	302.521	348.335	377.274	404.867
Metropolitana de Curitiba	1.050.813	1.709.228	2.306.856	3.053.313	3.488.457
Total do Paraná	6.943.435	7.600.489	8.459.438	9.563.458	10.439.601

Quadro 4 - População total do Estado do Paraná entre 1970 e 2010 por mesorregiões. Fonte: IBGE (Censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Pode-se perceber que as mesorregiões mais afetadas com o esvaziamento populacional, foram as que tinham uma densa população rural dependente da agricultura, mais especificamente da economia cafeeira, como foi o caso do Norte Pioneiro, do Noroeste e de parte do Centro Ocidental. A exceção é a Mesorregião Norte Central, que em razão de uma rede urbana bem estruturada, onde se destacam as cidades de Londrina, Maringá, Apucarana e Arapongas ocorreu crescimento populacional. Porém, quando se leva em conta a participação no total da população paranaense o Norte Central perdeu o posto de mais populosa do estado para a Metropolitana de Curitiba.

Mesorregiões Geográficas	Décadas				
	1970(%)	1980(%)	1991(%)	2000(%)	2010 (%)
Noroeste Paranaense	13,9	9,8	7,7	6,7	6,5
Centro Ocidental	7,9	5,5	5,3	3,6	3,2
Norte Central	21,9	19,2	19,2	19,1	19,5
Norte Pioneiro	10,5	7,5	6,6	5,7	5,2
Centro Oriental	5,1	6,2	6,5	6,5	6,6
Oeste Paranaense	10,8	12,6	11,7	11,9	11,7
Sudoeste Paranaense	6,5	6,4	5,7	4,9	5,7
Centro Sul Paranaense	4,8	6,3	5,9	5,6	4,3
Sudeste Paranaense	3,8	4,0	4,1	3,9	3,9
Metropolitana de Curitiba	15,1	22,5	27,3	31,9	33,4
Total do Paraná	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Quadro 5 - Participação por mesorregiões no total de população do Estado do Paraná entre 1970 e 2010. Fonte: Censos demográficos do IBGE (1970, 1980, 1991, 2000 e 2010).

Os estudos de Rocha (1998; 1999), Moura & Kleinke (1999) e Kleinke *et al.* (1999), estão entre os primeiros a verificar a consolidação de espaços de concentração e esvaziamento populacional. O fato é resultado de uma nova orientação política e também econômica colocada em prática pelo Estado nacional (modernização da agricultura e industrialização) apoiado pelo capital com a finalidade de reprodução ampliada em

determinados espaços previamente selecionados. As **figuras 1 e 2** colaboram com as análises elaboradas pelos referidos autores e apresentam os principais fluxos migratórios.

Os fluxos migratórios de maior intensidade foram em direção à região metropolitana de Curitiba e o Norte Central ainda continua atuando como principal centro dinâmico do interior. Com relação aos municípios, o censo 2010 demonstrou que dos 399 municípios paranaenses, 46,6% tiveram crescimento geométrico negativo, 33,1% crescimento de até 1% e apenas 4,8% acima de 2%.

Nos municípios que perderam população os problemas sociais e econômicos são intensos, visto que os investimentos por parte do setor privado são escassos, com exceção para os pequenos capitais locais reinvestidos. Nos municípios onde se verifica a concentração populacional também ocorrem grandes discrepâncias, visto que não existe infraestrutura nem empregos para atender toda demanda, o que caracteriza o surgimento de favelas com sub-moradias, segregação espacial, entre outros problemas urbanos como explica o estudo do IPARDES (2005):

Migrantes oriundos do campo ou de pequenos municípios deixaram seu modo de vida tipicamente agrário ou peculiar de pequenas vilas para se somarem aos habitantes urbanos na acirrada disputa ao trabalho, bens e serviços, acesso ao solo e à cidade. Se nas cidades as contradições sociais já se faziam presentes, a urbanização, em tal intensidade, ampliou as malhas construídas, fazendo surgir novos loteamentos densificando os bairros existentes, verticalizando as habitações e agudizando os conflitos e a segregação socioespacial ao criar áreas servidas e equipadas, ao lado de favelas e periferias carentes (IPARDES, 2005, p. 38).

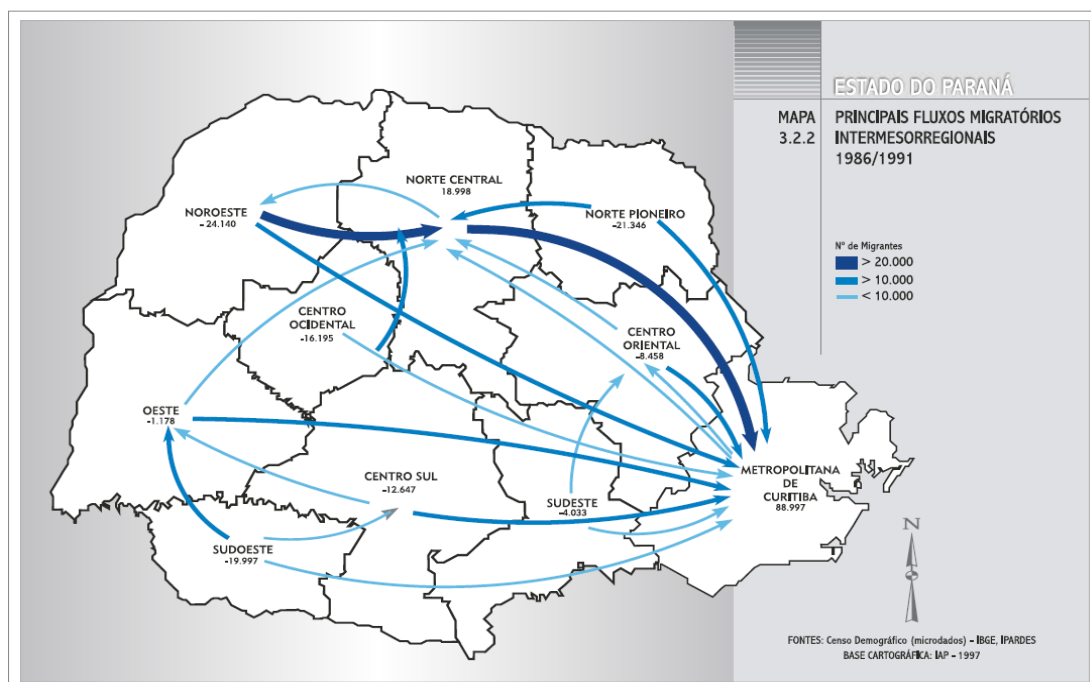


Figura 1 - Fluxos Migratórios Inter-mesorregionais: 1986/1991. Fonte: IPARDES (2005)

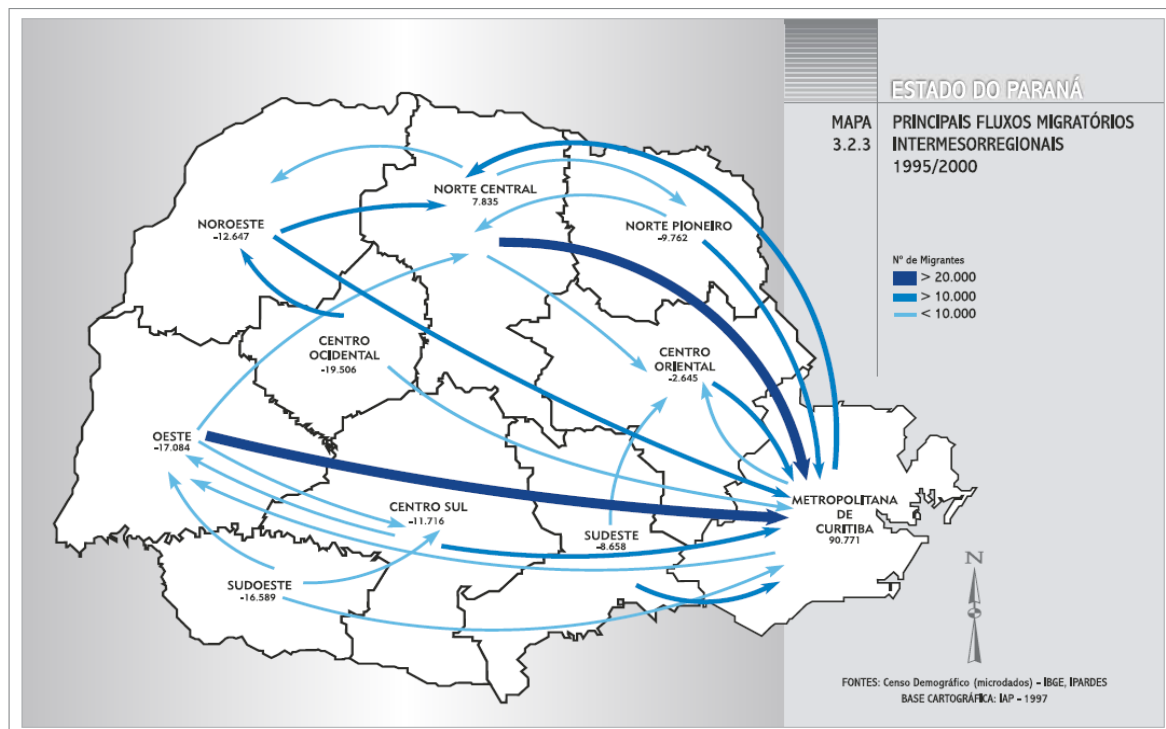


Figura 2 - Fluxos Migratórios Inter-mesorregionais 1995/2000. Fonte: IPARDES (2005)

O estudo sinalizou para a mudança de um estilo de vida tipicamente rural para o modelo urbano com todas as suas contradições. Na sequência apontou que:

Nos municípios que cresceram, o processo de ocupação, sob a lógica de mercantilização da terra e da moradia, abriu espaço ao mercado informal da habitação. Favelas, ocupações e loteamentos irregulares adentraram áreas ambientalmente vulneráveis, tornando ainda mais instável a vida da população obrigada a essa condição de moradia. A ausência de investimentos maciços em infraestrutura e serviços urbanos voltados à atenção de demandas da coletividade privou grandes e crescentes contingentes de moradores de serviços de saneamento básico, saúde, educação e transporte público (IPARDES, 2005, p. 40).

Mesmo com os intensos problemas verificados os centros urbanos dos municípios dinâmicos ainda apresentam indicadores sociais melhores, além de maiores possibilidades de salário, o que atraiu e continua atraindo a população. Assim, a mobilidade da população continua preferencialmente para os poucos centros urbanos integrados na dinâmica capitalista. Porém o grande crescimento de algumas cidades vem acompanhado de sub-moradias, ocupação de fundo de vale, congestionamentos, violência urbana, entre outros problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões levantadas e dos dados disponibilizados apresentamos algumas considerações sobre a mobilidade da população paranaense:

- a) a modernização da agricultura, com exceção no Noroeste paranaense, está entre os principais fatores que desencadearam o êxodo rural a partir de 1970;
- b) nas décadas de 1970 e 1980 foi intensa a migração para outras unidades da federação (São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rondônia);
- c) A partir da década de 1990 houve redução da migração para outras unidades da federação e intensificação da mobilidade para a região metropolitana de Curitiba;
- d) Curitiba e os municípios circunvizinhos da capital atraíram a população em razão do desenvolvimento regional desencadeado pela industrialização;
- e) O censo de 2010 mostrou que a migração para a região Metropolitana de Curitiba vem diminuindo de ritmo, mas ainda é considerável;
- f) Algumas cidades vizinhas a Capital do estado apresentaram um crescimento geométrico da população elevado;
- g) A mobilidade para os centros urbanos regionais (Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa, entre outros) se intensificando da década de 1990 para 2010;
- h) A mobilidade urbano-urbana cresceu significativamente da década de 1990 para 2010.

Com base no exposto se entende que o Paraná passou por significativas transformações a partir da década de 1970, que mudou os rumos da mobilidade da população. Se no início do século XX até a década de 1960, o estado era um espaço de atração populacional, de 1970 até 1990 ocorreu forte saída de população para outros estados. Da década de 1990 até 2010 predominaram as migrações internas, especialmente de destino urbano-urbano, de pequenas cidades para centros urbanos dinâmicos.

REFERÊNCIAS

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Reflexões preliminares sobre a constituição de centros de economia dinâmica e municípios periféricos no estado do Paraná. SIMPÓSIO PARANAENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA– SIMPGEO, 5, 2010, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná - UFPR, 2010. p. 1-14, CD-ROM.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do Noroeste do Paraná**. 2006. Tese (Doutorado em Geografia) - UNESP, Presidente Prudente, 2006. 476 f.

GAUDEMAR, Jean-Paul. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.

HESPANHOL, Antônio Nivaldo. **O binômio soja/trigo na modernização da agricultura do Paraná: o caso dos municípios de Uiratã, Campina da Lagoa e Nova Cantu**. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNESP, Presidente Prudente.

IBGE. Censo demográfico. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/conceitos.shtm>>. Acesso em: 21 de março de 2011.

IPARDES. **Os vários Paranas**: estudos socioeconômico-institucionais como subsídios aos planos de desenvolvimento regional. Curitiba: IPARDES, 2005.

IPARDES. **Perfil dos municípios**. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=29> Acesso em 29 de junho de 2011.

KLEINKE, Maria de Lourdes Urban; DESCHAMPS, Marley Vanice; MOURA, Rosa. Movimento Migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96): origens distintas e destinos convergentes. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 1, n. 95, p. 27-50, jan./abr. 1999.

MAGALHÃES, Marisa Valle. Movimentos Migratórios na Região Sul: novas tendências. Encontro Nacional Sobre Migração. ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÃO, 1, 1998, Curitiba. **Anais...** Curitiba: IPARDES: FNUAP, 1998.

MAGALHÃES, Marisa Valle; KLEINKE, Maria de Lourdes Urban. Projeção da População do Paraná: tendências e desafios. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 98, p. 27-43, jan./jun. 2000.

MOURA, Rosa; KLEINKE, Maria de Lourdes Urban. Espacialidades de Concentração na rede Urbana da Região Sul. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, v. 1, n. 95, p. 3-26, jan./abril, 1999.

PEREIRA, Valéria Villa Verde Reveles. **Considerações acerca da ocupação e da migração no Estado do Paraná**. Curitiba: IPARDES, 2010. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/biblioteca/docs/ocupacao_migracao.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2011.

ROCHA, Márcio Mendes. **A espacialidade das mobilidades humanas: um olhar para o norte central paranaense**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 194 p.

ROCHA, Márcio Mendes. Distribuição populacional na mesorregião Central Paranaense: o perfil concentrador como resultante de um modelo de desenvolvimento econômico. **Boletim de Geografia**. Maringá, v. 17, n. 1, p. 73-80, 1999.

SINGER, Paul. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. *In*: MOURA, Hélio (Org.). **Migração Interna: textos selecionados**. Fortaleza: Ed. Banco do Nordeste do Brasil, 1980.

NOTA:

O presente artigo é parte de tese de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

AGRADECIMENTOS:

À Fundação Araucária pelo apoio financeiro.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

COSTA, Fábio Rodrigues da & ROCHA, Márcio Mendes. A mobilidade da população paranaense a partir da reestruturação produtiva (1970 a 2010). **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 125-139, jan./abr. 2012.

URL: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia>>

EDITOR DE SEÇÃO:

Tânia Maria Fresca.

